

EDITORIAL

Este número de *Estudos Bíblicos* nos chega num preciso e especial momento da história de nosso país. O Brasil acolherá, a partir deste ano até 2016, grandes e milionários eventos esportivos que fazem parte do imenso *show business* mundial. E o “espetáculo”, como bem analisou o filósofo francês Guy Debord (*A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 6, p. [14]) é, ao mesmo tempo, “o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade”.

Não é por acaso que o mundo do espetáculo representa um dos setores econômicos em maior expansão e lucratividade no mundo. O real e o irreal devem, intencionalmente, confundir-se para que um tipo de sociedade possa se firmar e existir. Debord chegava, mesmo, a admitir que o “espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores” (16, p. [17-18]). O mundo do espetáculo existe não como inocente e mero divertimento, distração e preenchimento do tempo livre, mas como um modo de *fazer ver* um mundo que vive da aparência, torna pública a vida privada e individual, e falsifica o real e *faz dormir* os indivíduos para a realidade social na qual vivem.

Essa não é uma tendência recente, mas que já se via desde a antiguidade romana, p. ex., Juvenal, poeta romano, escrevia por volta do ano 100 da nossa era, em sua *Satira X*: “... *iam pridem, ex quo suffragia nulli uendimus, effudit curas; nam qui dabat olim imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se continet atque duas tantum res anxius optat, panem et circenses* (77-81)”. Em tradução livre seria: ... *agora que não vendemos nossos votos a nenhum homem, abandonamos nossos deveres; as pessoas que alguma vez desempenharam comando militar, altos cargos públicos, legiões e tudo o mais, agora se limitam a aguardar ansiosamente por apenas duas coisas: pão e circo*. Tal expressão acabou simbolizando a atitude dos governantes em iludir o povo a fim de aplacar as revoltas e indignações populares devido injustiças e má administração, através da doação ou barateamento dos alimentos e promoção de jogos. Pelo visto, a prática fez escola e se perpetua até os tempos atuais.

Os grandes projetos, sejam eles: obras públicas gigantescas, gastos desproporcionais com aquilo que não é prioritário e necessário para a maioria da população, contrariam o verdadeiro objetivo da política e do exercício do poder que seria o bem comum e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente dos mais humildes e pobres.

As contribuições de nossos colegas biblistas, neste número de *Estudos Bíblicos*, procuram mostrar como a Bíblia é crítica em relação aos projetos imperialistas ou governativos que não visam o benefício do povo, mas o aumento e perpetuação do poder, da riqueza e da fama dos que comandam a sociedade. Este número principia com o artigo de Gilvander Luís Moreira, o qual nos apresenta um amplo leque de grandes e impopulares projetos descritos em perspectiva crítica pela Bíblia. Gilvander analisará: 1) A construção da torre de Babel (Gn 11,1-9); 2) o bezerro de ouro (Ex 32,1-35); 3) o gigante de pés de barro do livro do profeta Daniel (Dn 2,1-49); 4) o mercado no entorno do templo de Jerusalém (Mt 21,12-13); 5) o comércio ao redor da deusa Ártemis na cidade de Éfeso (At 19,23-40) e 6) o dragão do Apocalipse (Ap 12,1-12).) O comum a todos estes textos é, justamente, a resistência popular aos megaprojetos idolátricos que visam não o bem das populações camponesas, da periferia dos grandes centros urbanos e das nações submetidas ao poder imperial.

O segundo artigo, redigido por Jacir de Freitas Faria, propõe-nos o “contramito” de Gn 11,1-9, a torre de Babel, como crítica ao poderio babilônico. O destino dos impérios assassinos e opressores está nas mãos de Deus. A “confusão” (*babel*) e o conflito são subjacentes aos projetos que deixam o povo de fora e tentam impor a visão e interpretação dos poderosos.

Como “antídoto” contra a megalomania dos poderosos, a Bíblia em Ecl 9,14-16 nos apresenta a sabedoria do pobre, a qual difere, totalmente, daquela dos que planejam a “cidade” (sociedade) sem levar em conta o seu povo. Neste artigo, Wolfgang Gruen destaca que a “sabedoria é mais que acumulação de saberes, sabença. É um *saber* depurado: prioriza o que importa e, nele, seu sentido e relevância”. O pobre possui aquela desconfiança sábia que lhe faz ter a prudência necessária perante os grandes e ricos projetos. Gruen conclui que “o *sábio pobre* tem como *enxergar* a situação, e dar passos para furar o cerco: cultivando a *utopia*, a *esperança*, o ‘viver no mundo sem ser do mundo’ (Jo 15,19), sem medo do *isolamento*, e do ódio de adversários que isso implica”.

Outra resposta ao domínio dos grandes impérios e poderes nos é fornecida pelo profetismo. Jaldemir Vítório nos ajuda a compreender a atitude do profeta Jeremias diante da dominação babilônica e as tentações de pactos equivocados com outros poderes, como o Egito, no caso. Diante das ameaças e perigos de dois grandes impérios, como agir, qual critério adotar? Jeremias propõe não se encantar nem se amedrontar por demais diante dos impérios. Eles não são eternos, seus projetos não duram para sempre. Quanto maior for a tirania deles, maior será sua queda. No entanto, ele não defende uma atitude inconsequente e suicida contra a Babilônia. Nesse caso, a prudência cheia de esperança é a alternativa.

Por mais que desejamos e buscamos o amor e a harmonia na convivência social, não é possível sermos ingênuos a ponto de não percebermos que há uma organização que estratifica a convivência humana. Existem, quer concordemos ou não, classes em nossa sociedade. O artigo de Airton José da Silva é um comentário de um livro que já foi publicado há certo tempo, seja no original (1978, primeira edição em alemão), como na versão em português (1988), mas que permanece útil para entendermos a sociedade israelita nos tempos pré-cristãos e contemporâneos a Jesus. Trata-se da obra de Hans G. Kippenberg, intitulada, no Brasil, *Religião e formação de classes na antiga Judeia: estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social*, publicada pela Paulus. O sistema tributário como gerador de escravidão, leis impostas contra as tradições familiares e religiosas que favoreciam a concentração de terras, a expropriação e o empobrecimento da maioria da população rural são manifestações dessa sociedade desigual, a qual será criticada pela religião de Israel. Essa reagirá por meio de revoltas e movimentos messiânicos.

Falando em revoltas e resistências, o artigo seguinte, redigido por Neuza Silveira de Souza e Maria de Lourdes Augusta, nos apresenta a revolta dos macabeus como símbolo da reação anti-imperial. O modo de vida e a organização social promovidos pelo helenismo é o foco da atenção de Macabeus. A revolta macabaica é destacada, especialmente, pelo 1Mc cujos personagens principais são os irmãos: Judas, Jônatas e Simão, e tais batalhas conduzem à libertação do templo de Jerusalém. Por sua vez, o 2Mc focaliza a reforma helenística, que atenta contra a Lei e o templo, salientando a resistência ativa (Judas) e a passiva (os mártires), trazendo consigo também a libertação do templo e sua nova dedicação. Macabeus mostra que nem todos os projetos de progresso e desenvolvimento político e econômico – no caso, representados pelo helenismo – se traduzem em reais melhorias para a vida das pessoas, especialmente dos pobres. Em mais este caso, será a religião, por meio da fidelidade à Aliança e às tradições que alimentará e definirá a resistência a esses projetos autoritários.

Adentrando no campo do Novo Testamento, este número nos apresenta, primeiramente, o artigo de José Luiz Gonzaga do Prado, no qual ele analisa a cena do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). Numa sociedade do espetáculo, dos projetos faraônicos e do consumismo, os indivíduos acabam por assumir essa ideologia em suas próprias vidas. José Luiz destaca que o nome desse cego pode significar “filho da honra/glória”. Portanto, alguém fanático pelo prestígio, pelo aplauso, pela vontade de brilhar, colocar-se em evidência. Ele é cego “porque não vê o outro, não enxerga outra coisa que não a própria glória; é mendigo porque vive mendigando aplausos; está sentado porque não anda, não dá um passo, nada faz que não sirva para a própria glória; e está à beira do caminho, porque fica à margem da história”. Esse cego, numa leitura do contexto no qual se insere esta perícopa, seria uma projeção dos discípulos de Jesus, que estão sujeitos às tentações propostas por essa sociedade. A libertação das pessoas é passar a “ver”, a enxergar o Messias que está diante delas. Foi isso que se passou com Bartimeu.

O esporte representa, sem dúvida, um dos principais componentes do mundo do espetáculo em todos os tempos. Paulo soube utilizar toda uma terminologia esportiva em suas cartas, como analisará Zuleica Aparecida Silvano em seu artigo. O mundo helênico valorizava, sobremaneira, as atividades esportivas individuais, bem como, as disputas, torneios e competições em nível regional. A competitividade era uma marca registrada da cultura helênica. Como constata Zuleica, o “uso da linguagem e imagens desportivas, em Paulo, é semelhante ao uso simbólico-metafórico que verificamos no livro da Sabedoria, mormente para ilustrar elementos do agir cristão”. Paulo saberá fazer uso da linguagem que apela para a luta, a conquista, a competição (do grego *agón*: competição, lugar de luta, estádio; e *agonízomai*: lutar, competir) a fim de descrever a atitude que deve mover o cristão em sua missão evangelizadora. Essa linguagem “agonística” representa uma interessante pedagogia a ser seguida, inclusive hoje, a fim de atualizarmos a comunicação no processo da evangelização. Paulo procura aproveitar o que há de bom no “espírito esportivo” para aplicar aos evangelizadores.

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa faz um diálogo com o artigo supramencionado. Ela trabalha com a noção de “o caminho dos frágeis” presente no pensamento paulino. Seu propósito é contradizer a lógica da competição que há neste mundo atual, a qual privilegia o “campeão” o “vencedor”, mostrando que na fraqueza encontra-se algo da excelência humana, isto é, a sua vulnerabilidade. No entanto, a autora não se propõe a trabalhar com Paulo, mas “refletir sobre o legado, cultivado e ampliado exponencialmente no mundo atual, da cultura agonística grega a partir da visão do perdedor, ou melhor, dos malsucedidos que não lograram o primeiro lugar, os derrotados, os marginais, os fracassados, e pensar que talvez eles estejam muito bem acompanhados nos seus insucessos”. A cruz de Cristo espelha essa vitória em meio à derrota. Como conclui Tereza Virgínia, “somos responsáveis uns pelos outros, e as nossas fragilidades podem ser nossa fortaleza”.

Fechando este número de *Estudos Bíblicos*, temos o artigo de Johan Konings. Seu texto faz uma leitura dos capítulos 17 e 18 do Apocalipse no contexto do atual domínio exercido pelo mercado sobre a sociedade mundial, de modo especial na América Latina, considerando igualmente o contexto que originou essas páginas. O Apocalipse não se apresenta como futurologia, mas como anúncio de uma boa notícia a realizar-se em breve: a presença (*parusia*) do “Senhor Jesus”. Este é o “evangelho eterno” proclamado por ocasião da queda da Babilônia. Apocalipse 17–18 é a celebração da condenação de “Babilônia”, que foi efetivada pela sétima taça em 16,19. Apocalipse 17 a associa ao nunca nomeado império romano, que combate “o Cordeiro” vencedor. Apocalipse 18 insere essa derrota na tradição profética sobre as grandes cidades dominadoras, principalmente Babilônia e Tiro. Segundo Konings, o “Apocalipse nos ensina a ver a figura idólatra por detrás do sistema do comércio mundial, e não precisamos de muita imaginação para ver a mesma coisa hoje”.

Ontem como hoje, o ser humano precisa estar atento e ser muito crítico para não se deixar escravizar pela sociedade do brilho, da aparência, do poder e do dinheiro.

Telmo José Amaral de Figueiredo